

**CIDADE**  
**FEMINISTA**

“**CIDADE FEMINISTA** é uma punhalada contundente na manipulação sutil e aberta das mulheres nos espaços urbanos. As referências entrelaçadas de Kern à sua experiência pessoal durante a infância, idade adulta e maternidade tornam seu trabalho profundamente pesquisado e inteligente infinitamente legível. Kern mostra que a capacidade de todas as mulheres de explorar totalmente a cidade é um indicador valioso e necessário para o valor da cidade”.

— Leslie Lowe, autora de *No Place to Go: How Public Toilets Fail Our Private Needs*

“Leslie Kern fornece uma análise clara e refrescante da vida urbana contemporânea. Cidade Feminista tece perfeitamente a teoria e a experiência, revelando repetidamente como o pensamento geográfico feminista é essencial para a compreensão do **ESPAÇO URBANO**. Cidade Feminista é um livro para ser compartilhado e discutido por qualquer pessoa que adora cidades”.

— Lauren Hudson, *SolidarityNYC*

“Cidade Feminista é o livro sobre o urbanismo da próxima geração que eu estava esperando! Leslie apresenta um guia abrangente para a construção do mundo feminista de que nossas cidades precisam tão **URGENTEMENTE**. Uma leitura obrigatória para todos os funcionários municipais e urbanistas em ascensão à medida que avançamos para o futuro feminino de nossos ambientes urbanos”.

— Katrina Johnston-Zimmerman, MUS, antropóloga urbana e professora adjunta, Lindy Institute for Urban Innovation, Drexel University; cofundadora da *The Women Led Cities Initiative*

“Como começamos a reconhecer e, em última instância, reimaginar nosso domínio público na era #MeToo? Podemos começar levantando uma maior diversidade de experiências e vozes que influenciam nosso pensamento sobre o que torna um lugar justo, divertido, acessível, seguro e dinâmico **PARA TODOS**. A exploração de Kern é honesta, oportuna e intencional em reconhecer o trabalho das mulheres – de urbanistas e outras – no avanço da cidade feminista”.

— Lynn M. Ross, AICP, planejadora urbana e feminista

“Este volume definitivamente estabelece Kern como uma voz principal e apaixonada da segunda geração da geografia urbana feminista norte-americana. Kern habilmente entrelaça sua narrativa biográfica pessoal e uma síntese da bolsa feminista urbana para capturar as tensões entre a cidade-como-barreira e a cidade-como-possibilidade que continuam a infundir as **EXPERIÊNCIAS** urbanas diárias de tantas mulheres”.

— Damaris Rose, professora honorária de geografia social e estudos urbanos, Institut National de la Recherche Scientifique, Montreal, Quebec

“Eu gostaria de já ter lido este livro há muitos anos. As experiências sobre as quais Kern reflete são onipresentes, senão universais. Kern combina o melhor da literatura acadêmica com referências da cultura popular para explorar as maneiras pelas quais o espaço urbano é definido **PELO GÊNERO**. Ler o livro é um prazer, como uma conversa profunda com um amigo sábio”.

— Winifred Curran, professor de geografia, Universidade DePaul

CIDADE FEMINISTA | UM GUIA  
LESLIE KERN | ENTRE OS LIMITES DE TORONTO  
© 2019 Leslie Kern



Agradecemos o apoio financeiro às nossas atividades editoriais: o Governo do Canadá; o Conselho Canadense de Artes, que, no ano passado, investiu US\$ 153 milhões para levar as artes aos canadenses de todo o país; e o Governo de Ontário, por meio do Conselho de Artes de Ontário, do programa Insumo Fiscal aos Editores de Ontário e do *Criação de Ontário*.



*We acknowledge the support of the  
Canada Council for the Arts for this translation.*

Leslie Kern

# CIDADE FEMINISTA



*Para Maddy*

---

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO **CIDADE DOS HOMENS 13**  
MULHERES DESORDENADAS 14  
QUEM ESCREVE A CIDADE? 19  
LIBERDADE E MEDO 24  
GEOGRAFIA FEMINISTA 28

CAPÍTULO 1 **CIDADE DAS MÃES 39**  
A FLANADORA 41  
UM CORPO PÚBLICO 44  
O LUGAR DA MULHER 48  
O ACERTO DA CIDADE 54  
A MATERNIDADE GENTRIFICADA 59  
A CIDADE NÃO SEXISTA 69

CAPÍTULO 2 **CIDADE DAS AMIGAS 81**  
AMIZADE COMO FORMA DE VIDA 82  
CIDADE DAS GAROTAS 89  
AMIZADES E LIBERDADE 99  
ESPAÇOS DAS MULHERES GAYS 107  
AMIGAS ATÉ O FIM 110

CAPÍTULO 3 **CIDADE DE UMA 121**  
ESPAÇO PESSOAL 122  
MESA PARA UMA 127  
O DIREITO DE ESTAR SOZINHA 133  
MULHERES EM PÚBLICO 137  
CONVERSA DE BANHEIRO 146  
MULHERES TOMANDO SEU ESPAÇO 153

CAPÍTULO 4 **CIDADE DE PROTESTO 157**  
DIREITO À CIDADE 160  
SEGURANÇA POR NÓS MESMAS 167  
TRABALHO ATIVISTA DE GÊNERO 172  
TURISMO ATIVISTA 180  
AULAS DE PROTESTO 185

CAPÍTULO 5 **CIDADE DO MEDO 191**  
O MEDO FEMININO 194  
MAPEANDO O PERIGO 199  
O CUSTO DO MEDO 202  
DANDO MEIA-VOLTA 205  
MULHERES CORAJOSAS 212  
INTERSECCIONALIDADE E VIOLÊNCIA 215

**CIDADE DE POSSIBILIDADES 223**

ENDNOTES 236

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos na Between the Lines Books e, em particular, à minha editora Amanda Crocker, por ter aceitado este livro de forma entusiástica e me apoiar ao longo de todo o processo de publicação. A equipe incluiu Chelene Knight, Renée Knapp, David Molenhuis e Devin Clancy.

Eu tendo a manter meus projetos perto do meu peito, até que eles estejam quase concluídos (é uma característica de Escorpião), mas quero agradecer às pessoas que me encorajaram e aconselharam desde o início enquanto eu deixava a notícia vazar: Erin Wunker, Dave Thomas, James McNevin, Caroline Kovesi e Pamela Moss.

A comunidade feroz, criativa, rigorosa e engajada de geógrafas feministas tem sido meu lar intelectual por muitos anos e eu nunca poderia fazer este trabalho sem o empenho deles. Nossas reuniões, conferências e festas do livro são muito significativas para mim. Tive a sorte especial de ter Heather McLean, Winifred Curran, Brenda Parker, Roberta Hawkins, Oona Morrow, Karen Falconer Al Hindi, Tiffany Muller Myrdahl, Vannina Sztainbok e Beverley Mullings como amigos, coautores e colaboradores.

Meus mentores e orientadores da pós-graduação continuam a me inspirar e sou grato por tudo que eles fize-

ram para me ajudar a ter sucesso: Sherene Razack, Helen Lenskyj, Gerda Wekerle e Linda Peake.

Meus colegas e alunos da Mount Allison University criaram um ambiente caloroso e revigorante para meu trabalho nos últimos dez anos. Grito especial para todos que já estudaram Gênero, Cultura e a Cidade: este livro é uma pura destilação do que uma coorte particularmente engajada já chamou de “Kernografia”. Nossas conversas ajudaram a definir os objetivos deste livro.

Minhas aventuras urbanas e não tão urbanas ficaram cheias de diversão, irmandade, viagens, tatuagens, queijos e calçados desconfortáveis devido aos meus dois grupos de amigas, as Mocinhas Cor-de-rosa de Toronto e o Grupo Lady Sackville. Por ordem de surgimento na minha vida: Jennifer Kelly, Kris Weinkauff, Katherine Krupicz, Sarah Gray, Cristina Izquierdo, Michelle Mendes, Katie Haslett, Jane Dryden, Shelly Colette e Lisa Dawn Hamilton.

Sempre tive o apoio incondicional de minha família, incluindo meus pais, Dale e Ralph, e meu irmão Josh, bem como uma grande rebanho de parentes – biológicos ou não. Meu parceiro Peter prepara o café todas as manhãs, o que basicamente me permitiu escrever cada palavra deste livro. Minha filha Maddy é uma luz absoluta. Amo todos vocês e aprecio profundamente tudo o que fazem por mim

## INTRODUÇÃO

# CIDADE ■ DOS ■ HOMENS ■

Tenho uma foto antiga do meu irmão caçula e eu e cercados por dezenas de pombos na Trafalgar Square em Londres. Suponho, pelos nossos cortes de cabelo idênticos em forma de tigela e as calças de veludo cotelê boca de sino, que seja 1980 ou 1981. Estamos felizes atirando o alpiste que nossos pais compraram em uma pequena máquina automática na praça. Não existem mais essas máquinas, porque agora é proibido alimentar os pombos, mas, naquela época, era um dos melhores momentos da viagem quando íamos visitar a família do meu pai. No meio dos pombos, nossa empolgação era palpável. Em nossos sorrisos radiantes, percebo o início do amor que ambos nutrimos por Londres e pela vida urbana.

Josh e eu nascemos no centro de Toronto, mas nossos pais nos criaram no subúrbio. Embora a população de Mississauga a torne uma das maiores e mais diversificadas cidades do Canadá, sua essência, na década de 1980, era de um shopping center suburbano motorizado. Meu irmão

e eu nos mudamos para Toronto assim que pudemos, rejeitando o subúrbio mais rápido do que poderíamos dizer “Linha Yonge-University-Spadina”. Mas nossas experiências de vida na cidade foram muito diferentes. Duvido que Josh já tenha precisado voltar para casa segurando as chaves na mão ou sido empurrado por tomar muito espaço por causa de um carrinho de bebê. Uma vez que temos a mesma cor da pele, religião, talentos, histórico escolar e uma boa parte do nosso DNA, devo concluir que o gênero seja a grande diferença.

#### MULHERES DESORDENADAS

As mulheres sempre foram vistas como um problema para a cidade moderna. Durante a Revolução Industrial, as cidades europeias cresceram rapidamente e trouxeram para as ruas uma mistura caótica de classes sociais e imigrantes. As normas sociais vitorianas da época incluíam limites rígidos entre as classes e uma etiqueta firme destinada a proteger a pureza das mulheres brancas da alta classe. Essa etiqueta foi fragmentada pelo crescente contato urbano entre mulheres e homens, e entre mulheres e as grandes massas urbanas fervilhantes. “O cavalheiro e, pior ainda, a dama foram forçados a conviver com as classes inferiores e serem esbofeteados e empurrados com pouca cerimônia ou nenhuma deferência”, escreve a historiadora cultural Elizabeth Wilson.<sup>1</sup> O “terreno contestado” da Londres vitoriana havia aberto espaço para as mulheres “reivindicarem fazer parte do público”, especialmente no que diz respeito aos debates sobre segurança e violência sexual, explica a historiadora Judith Walkowitz.<sup>2</sup> No en-

tanto, esse período caótico de transição significava que era cada vez mais difícil discernir a classe, e uma senhora caminhando pela rua corria o risco do insulto máximo: ser confundida com uma “mulher pública”.

Essa ameaça às distinções supostamente naturais de posição e a fragilidade das barreiras de respeitabilidade significava que, para muitos comentaristas da época, a própria vida urbana era uma ameaça à civilização. “A condição das mulheres”, explica Wilson, “tornou-se a pedra de toque para os julgamentos sobre a vida na cidade”.<sup>3</sup> A liberdade cada vez mais expansiva das mulheres foi recebida com pânico moral em relação a todas as coisas, desde a atividade sexual até as bicicletas. O campo, juntamente com os subúrbios em expansão, proporcionariam um refúgio adequado para as classes média e alta e, o mais importante, segurança e respeitabilidade contínua para as mulheres.

Enquanto algumas mulheres precisavam ser protegidas da desordem conturbada da cidade, outras mulheres precisavam de controle, reeducação e talvez até de banimento. A crescente atenção à vida na cidade tornou as condições da classe trabalhadora mais visíveis e cada vez mais inaceitáveis para a classe média. Quem melhor para culpar do que as mulheres, que vieram às cidades em busca de trabalho nas fábricas e no serviço doméstico, virando a família “de cabeça para baixo”, segundo Engels. A participação das mulheres no trabalho remunerado significava um pouco de independência e, claro, menos tempo para as responsabilidades domésticas dentro de seu próprio lar. As mulheres pobres eram consideradas fracassadas, cuja incapacidade de manter seu lar limpo devia-se pela “des-

moralização” da classe trabalhadora. Essa desmoralização se expressava por meio do vício e de outros tipos de comportamentos públicos e privados problemáticos. Tudo isso era visto como uma situação profundamente antinatural.

Claro, o maior mal social era a prostituição, que tinha o potencial de destruir a família, abalar as bases da sociedade e disseminar doenças. Pelo entendimento inicial na época, acreditava-se que a doença fosse transmitida por um miasma que contaminava o ar, levado pelos odores nocivos do esgoto. O conceito de um miasma moral também surgiu: a ideia de que alguém pode ser contaminado pela depravação pelo simples fato de estar próximo àqueles que o carregam. Os escritores da época ficavam escandalizados com a presença comum de “prostitutas” que exerciam abertamente seu ofício, tentando homens bons para um mundo de vícios. As mulheres também foram “constantemente expostas à tentação e, uma vez ‘caída’, a mulher estava condenada, muitos protestantes acreditavam, a uma vida de degradação crescente e a uma morte trágica e precoce”.<sup>4</sup>

A solução proposta por vários homens, incluindo Charles Dickens, era que as mulheres decaídas deveriam emigrar para as colônias, onde poderiam se casar com um dos vários colonos existentes para ter sua respeitabilidade restaurada. Aqui, a necessidade de proteger as mulheres coloniais brancas da ameaça dos “nativos” forneceu uma justificativa para a contenção e a eliminação das populações indígenas nas áreas urbanizadas. Os romances populares da época retratavam histórias aberrantes de sequestros, torturas, estupros e casamentos forçados de

mulheres brancas causados por “selvagens” saqueadores e vingativos. Essas novas cidades fortificadas de colonizadores marcariam a transição da fronteira para a civilização e a pureza e segurança das mulheres brancas completariam a metamorfose.

Por outro lado, as mulheres indígenas eram vistas como ameaças a essa transformação urbana. Seus corpos tinham a capacidade de reproduzir a “selvageria” que os colonizadores buscavam conter. Eles também ocuparam posições importantes de poder cultural, político e econômico em suas comunidades. Tirar as mulheres indígenas desse poder impondo a família patriarcal europeia e os sistemas de governo e, ao mesmo tempo, desumanizar as mulheres indígenas como primitivas e promíscuas lançou as bases para os processos legais e geográficos de apropriação e deslocamento.<sup>5</sup> Assim, a degradação e a estigmatização das mulheres indígenas faziam parte do processo de urbanização. Dados os índices extraordinários de violência contra mulheres e meninas indígenas hoje em cidades que foram colonizadas, fica claro que essas atitudes e práticas deixaram legados devastadores e duradouros.

Avancemos para hoje: os esforços para controlar os corpos das mulheres para fazer avançar certos tipos de melhoria da cidade estão longe do fim. Na história recente, vimos a esterilização forçada ou coagida de mulheres negras e indígenas que recebem assistência social ou são vistas de alguma forma como dependentes do Estado. O estereótipo racista da “rainha do bem-estar” negra circulou como parte da narrativa de cidades decadentes nas décadas de 1970 e 1980. Isso tem sido conectado a pânico morais em relação

à gravidez na adolescência, com suas suposições de que as mães adolescentes irão se juntar às ditas rainhas do bem-estar social e produzir filhos pré-dispostos ao crime. Os movimentos contemporâneos para abolir o trabalho sexual foram renomeados como campanhas antitráfico, sendo o tráfico uma nova forma de ameaça urbana sexualizada. Infelizmente, as trabalhadoras do sexo que não são traficadas recebem pouco respeito ou tratamento sob esse ponto de vista.<sup>6</sup> As campanhas contra a obesidade têm como alvo as mulheres como indivíduos e mães, com seus corpos e os de seus filhos vistos como sintomas de questões urbanas modernas, como a dependência de carros e de fast food.

Em suma, os corpos das mulheres ainda são frequentemente vistos como fonte ou um sinal de problemas urbanos. Mesmo as jovens brancas que têm filhos são vistas como vis, como as culpadas da gentrificação, enquanto os defensores da gentrificação culpam as mães solteiras de cor e as imigrantes por reproduzir a criminalidade e desacelerar a “revitalização” urbanas. Parecem infundáveis os modos como as mulheres são vinculadas às questões sociais urbanas.

Embora eu admita que alguns dos temores vitorianos mais exacerbados em relação à pureza e a limpeza tenham diminuído, as mulheres ainda têm na cidade uma série de barreiras – físicas, sociais, econômicas e simbólicas – que moldam suas vidas diárias de formas profundas (embora, não somente) de acordo com o gênero. Muitas dessas barreiras são invisíveis para os homens, porque sua própria vivência significa que eles raramente as encontram. Isso significa que os principais tomadores de decisão das cida-

des, que na maioria ainda são homens, fazem escolhas em relação a todas as coisas, de política econômica urbana ao planejamento de moradias, da localização das escolas aos assentos de ônibus, do policiamento à remoção da neve, sem tomar conhecimento, muito menos se preocupar como essas decisões afetam as mulheres. A cidade foi criada para apoiar e facilitar os papéis tradicionais do gênero masculino e estabelecendo as experiências dos homens como “regra”, com pouca consideração de como a cidade cria bloqueios para as mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana. Isso é o que quero dizer com “cidade dos homens”.

#### QUEM ESCREVE A CIDADE?

Durante o trabalho neste livro, fiquei estranhamente animada para receber minha brilhante revista de ex-alunos da Universidade de Toronto, porque desta vez a história de capa era “As cidades de que precisamos”.<sup>7</sup> O atual presidente da UT é um geógrafo urbano, então, eu tive esperanças. Dentro havia quatro artigos sobre “necessidades” urbanas: acessibilidade, mobilidade, sustentabilidade e mais diversão. Ótimos tópicos. Mas cada artigo foi escrito por um homem branco de meia-idade. A maioria dos especialistas citados pelos autores eram homens, incluindo o onipresente Richard Florida, cuja influência descomunal na política urbana em todo o mundo por meio de seu (confesso) paradigma de classe criativa profundamente falho pode, na verdade, ser o culpado por muitos dos atuais problemas de acessibilidade que assolam cidades como Vancouver, Toronto e San Francisco. Eu gostaria de dizer que

fiquei surpresa ou desapontada, mas resignada é provavelmente a melhor palavra. Como a estudiosa feminista Sara Ahmed habilmente aponta: “As citações são outra forma de relacionamento acadêmico. Os homens brancos se mantêm dentro dessas relações por meio de citações. Homens brancos citam outros homens brancos: é o que eles sempre fizeram... Os homens brancos como um caminho trilhado; quanto mais seguimos o mesmo caminho, mais seguimos na mesma direção”.<sup>8</sup> O estudo e o planejamento urbano têm “caminhado nessa direção” há um bom tempo.

Estou longe de ser a primeira autora feminista a apontar isso. Existe, agora, uma história profunda de mulheres escrevendo sobre a vida urbana (como Charlotte Brontë, em *Villette*), mulheres defendendo as necessidades das mulheres urbanas (como as reformadoras sociais Jane Addams e Ida B. Wells) e mulheres surgindo com seus próprios projetos para casas, cidades e bairros (como Catharine Beecher e Melusina Fay Peirce). Arquitetas feministas, planejadoras urbanas e geógrafas fizeram intervenções significativas em seus campos por meio de pesquisas empíricas rigorosas em experiências de gênero. As ativistas têm pressionado muito por mudanças importantes no planejamento urbano, no policiamento e nos serviços para melhor atender às necessidades das mulheres. No entanto, uma mulher ainda atravessa a rua à noite se um estranho estiver caminhando atrás dela.

O trabalho fundamental de escritoras e acadêmicas feministas urbanas antes de mim forma a espinha dorsal do livro. Quando eu “descobri” a geografia feminista pela primeira vez na pós-graduação, algo clicou dentro de mim.

De repente, os insights teóricos da teoria feminista assumiram uma terceira dimensão. Eu entendi a operação do poder de uma nova maneira e novas percepções sobre minhas próprias experiências como uma mulher que vivia nos subúrbios e então a cidade começou a se aglomerar. Nunca olhei para trás e tenho orgulho de me chamar de geógrafa feminista hoje. Ao longo deste livro, encontraremos os pensadores urbanos que estudaram de tudo, desde como as mulheres viajam pela cidade até o simbolismo de gênero da arquitetura urbana e o papel das mulheres na gentrificação. Mas, em vez de começar com teoria, política ou desenho urbano, quero partir do que a poetisa Adrienne Rich chama de “a geografia mais próxima”, o corpo e a vida cotidiana.<sup>9</sup> “Comece com o material”, escreve Rich. “Comece com o corpo feminino. Não para transcender este corpo, mas para reivindicá-lo”.<sup>10</sup> O que reivindicamos aqui? Estamos resgatando experiências pessoais vividas, conhecimentos básicos e verdades conquistadas com muito esforço. Rich chama isso de “tentar, como mulheres, ver a partir do centro” ou, uma política de fazer perguntas das mulheres.<sup>11</sup> Não são perguntas essencialistas, com base em alguma falsa alegação de uma definição biológica de feminilidade. Em vez disso, questões que emergem da experiência cotidiana corporificada daqueles que se incluem na categoria dinâmica e mutante de “mulheres”. Para nós, a vida na cidade gera questões que por muito tempo ficaram sem resposta.

Como mulher, minhas experiências urbanas cotidianas estão profundamente ligadas ao gênero. Minha identidade de gênero molda como eu me movo pela cidade, como vivo meu cotidiano e as opções que estão disponíveis para

mim. Meu gênero é mais do que meu corpo, mas meu corpo é o lugar da minha experiência, onde minha identidade, história e os espaços em que vivi se encontram, interagem e se escrevem na minha carne. Este é o espaço de onde escrevo. É o espaço onde minhas experiências me levam a perguntar: “Por que meu carrinho não cabe no bonde?” “Por que eu tenho que andar mais 800 metros para casa, porque o atalho é muito perigoso?” “Quem vai pegar meu filho no acampamento, se eu ficar presa em um protesto do G20?” Estas não são apenas questões pessoais. Elas começam a entender por que e como as cidades mantêm as mulheres “em seu lugar”.

Comecei a escrever este livro no momento em que o movimento #MeToo eclodiu.<sup>12</sup> Na sequência de reportagens investigativas que expuseram abusadores e assediadores de longa data em Hollywood, uma onda de mulheres e vários homens se apresentaram para contar suas histórias sobre o flagelo do assédio sexual e de violência em locais de trabalho, esportes, política e educação. Somente quando Anita Hill se manifestou, os danos do assédio sexual geraram este nível de atenção na mídia, nas empresas e entre os políticos. Embora a retórica usada para desacreditar os sobreviventes e denunciadores não tenha mudado muito desde as audiências de Clarence Thomas, as (quase literais!) montanhas de provas contra os piores réus e a maioria das instituições misóginas estão convencendo muitas pessoas de que algo deve mudar.<sup>13</sup>

Os sobreviventes desse abuso denunciaram os efeitos duradouros de uma contínua violência física e psicológica a longo prazo. Suas histórias ressoam com a vasta literatu-

ra sobre o medo das mulheres nas cidades. A ameaça constante e de baixo grau de violência aliado ao assédio diário molda a vida urbana das mulheres de inúmeras maneiras conscientes e inconscientes. Assim como o assédio no local de trabalho afasta as mulheres de posições de poder e suprime suas contribuições para a ciência, política, arte e cultura, o espectro da violência urbana limita as escolhas, o poder e as oportunidades econômicas das mulheres. Assim como as normas da indústria são estruturadas para permitir o assédio, proteger os abusadores e punir as vítimas, os ambientes urbanos são estruturados para apoiar formas familiares patriarcais, mercados de trabalho segregados por gênero e papéis tradicionais de gênero. E embora gostemos de acreditar que a sociedade evoluiu além dos limites estritos de coisas como os papéis de gênero, as mulheres e outros grupos marginalizados continuam a ter suas vidas limitadas pelos tipos de normas sociais que foram construídas em nossas cidades.

As histórias das sobreviventes do #MeToo expõem a prevalência contínua do que as ativistas feministas chamam de “mitos do estupro”: um conjunto de ideias falsas e de equívocos que sustentam o assédio sexual e a violência, em parte transferindo a culpa para as vítimas. Os mitos do estupro são um componente chave do que agora chamamos de “cultura do estupro”. “O que você estava vestindo?” e “Por que você não denunciou?” são duas questões clássicas do mito de estupro que os sobreviventes do #MeToo enfrentam. Os mitos de estupro também têm uma geografia. Isso fica embutido no mapa mental de segurança e perigo que toda mulher carrega em sua mente. “O que você esta-

va fazendo naquele bairro? Nesse bar? Esperando sozinha por um ônibus?”, “Por que você estava andando sozinha à noite?”, “Por que você pegou um atalho?” Antecipamos essas perguntas e elas moldam nossos mapas mentais tanto quanto qualquer ameaça real. Esses mitos sexistas servem para nos lembrar de que devemos limitar nossa liberdade de caminhar, trabalhar, se divertir e ocupar espaço na cidade. Eles dizem: a cidade não serve para você.

## LIBERDADE E MEDO

Mais ou menos uma década depois daquele frenesi de alimentar os pombos, Josh e eu estávamos de volta a Londres, com idade suficiente para pegar o metrô para Tottenham Court Road e Oxford Street sozinhos. Nossos pais provavelmente só queriam desfrutar de algum tipo de experiência culturalmente edificante, sem que lhes perguntassemos quando iríamos fazer compras a cada cinco minutos. Como os pombos que agora você encontra zanzando de modo desenvolto pelo metrô até suas novas fontes de alimento favoritas, nós nos ensinamos a pensar e sentir nosso caminho pela cidade por conta própria. Muito antes dos smartphones, tínhamos apenas o mapa do metrô e nossos instintos para nos guiar. Nunca sentimos medo. As placas e anúncios sobre segurança e vigilância evocaram cliques de notícias distantes dos atentados do IRA, mas isso não era nada que pudesse afetar uma dupla de crianças canadenses em férias. No final da viagem, éramos (em nossas mentes) como pequenos exploradores urbanos experientes a apenas um ou dois passos de sermos verdadeiros londrinos.

Cerca de um ano antes dessa viagem, fomos pela primeira vez a Nova York. Isso deve ter sido em 1990, alguns anos antes que as políticas de “tolerância zero” do prefeito Rudy Giuliani acelerassem a reforma à la Disney da Times Square e de outros bairros famosos. Tínhamos um pouco de liberdade para percorrer juntos as grandes lojas da Quinta Avenida, mas não havia a chance de entrarmos no metrô sozinho aqui. Na verdade, acho que não pegamos o metrô sequer uma vez em toda a viagem, mesmo com nossos pais. Nova York era uma cidade feroz completamente diferente de Toronto ou Londres. Para nossos pais, a empolgação desta cidade estava associada a uma palpável sensação de ameaça que parecia muito mais real do que um ataque do IRA.

Acho que aprendi, então, que uma cidade – seus perigos, emoções, cultura, atração e muito mais – reside na imaginação e também em seu aspecto material. A cidade imaginada é moldada pela experiência, a mídia, a arte, as fofocas e nossos próprios desejos e medos. A corajosa e perigosa Nova York das décadas de 1970 e 1980 dominou as mentes de nossos pais. Não foi o que experimentamos em 1990, mas moldou o que sabíamos ou julgávamos que soubéssemos sobre o lugar. E, de fato, essa sugestão de perigo era atraente. Isso transformou Nova York em Nova York: não em Toronto, nem em Londres e, certamente, não em Mississauga. A energia e a atração da cidade se combinavam com a sensação de que tudo poderia acontecer.

Este sentimento misto de excitação e perigo, de liberdade e medo, de oportunidade e ameaça, contorna tanto o pensamento feminista e a escrita sobre as cidades. Já na dé-

cada de 1980, meu próprio futuro orientador de doutorado afirmou corajosamente, “o lugar da mulher é na cidade”.<sup>14</sup> Gerda Wekerle argumentava que apenas ambientes urbanos densos e ricos em serviços poderiam suportar as “duplas jornadas” de trabalho remunerado e não remunerado das mulheres. Ao mesmo tempo, sociólogos e criminologistas alertavam sobre o medo muito alto das mulheres em relação aos crimes urbanos, medo que não poderia ser explicado pelos níveis reais de violência de pessoas estranhas contra as mulheres.<sup>15</sup> Para ativistas feministas, atos de violência pública contra as mulheres desencadearam as primeiras demonstrações de “Take Back the Night” em cidades da Europa e da América do Norte em meados dos anos 1970.

No dia a dia, dizer “a cidade não é para mulheres” e “o lugar da mulher é na cidade” são ambas verdadeiras. Como atesta Elizabeth Wilson, as mulheres há muito migram para a vida urbana, apesar das hostilidades. Ela sugere que “talvez tenha havido uma ênfase exagerada no confinamento da feminilidade vitoriana na esfera privada”, observando que mesmo nesta era de normas estritas de gênero, algumas mulheres foram capazes de explorar a cidade e assumir novos papéis como figuras públicas.<sup>16</sup> Danem-se os perigos. A cidade é o lugar onde as mulheres tinha, à sua disposição, opções que das quais nunca tinha ouvido falar nas pequenas cidades e nas comunidades rurais. Oportunidades de trabalho. Romper com as normas paroquiais de gênero. Evitando o casamento heterossexual e a maternidade. Buscar carreiras não tradicionais e cargos públicos. Expressando identidades únicas. Assumir causas sociais e

políticas. Desenvolvimento de novas redes de parentesco e amizade em primeiro plano. Participar de artes, cultura e mídia. Essas opções são muito mais disponíveis para as mulheres nas cidades.

Menos tangíveis, mas não menos importantes, são as qualidades psíquicas da cidade: anonimato, energia, espontaneidade, imprevisibilidade e, sim, até perigo. Em *Villette*, de Charlotte Brontë, a heroína Lucy Snowe viaja sozinha para Londres e quando ousa correr “os perigos das travessias” ela experimenta “um prazer talvez irracional, mas um verdadeiro prazer”.<sup>17</sup> Não estou tentando dizer que as mulheres gostam de sentir medo, mas que parte do prazer da vida urbana depende de sua incognoscibilidade inerente e da coragem de enfrentar esse desconhecido. Na verdade, a imprevisibilidade e a desordem podem vir a representar o “autenticamente urbano” para as mulheres que rejeitam a conformidade suburbana segura e os ritmos rurais repetitivos.<sup>18</sup> Claro, achar a desordem urbana excitante é um pouco mais fácil se você tiver meios de recuar quando quiser. Em todo caso, o medo dos crimes não afastou as mulheres das cidades. No entanto, é um dos muitos fatores que moldam a vida urbana das mulheres de maneiras específicas.

Este livro aborda as perguntas das mulheres sobre a cidade, olhando para o lado bom e o lado ruim, o que é divertido e o que é assustador, para sacudir o que acreditamos que sabemos sobre as cidades. Para ver as relações sociais da cidade – por gênero, raça, sexualidade, habilidade e muito mais – com novos olhos. Para iniciar a discussão sobre outros tipos de experiências urbanas menos visíveis.

Abrir espaço para pensar de forma criativa sobre o que pode gerar uma cidade feminista. Trazer a geografia feminista para o diálogo com os detalhes cotidianos de tentar sobreviver e progredir, lutar e ser bem-sucedida na cidade.

## GEOGRAFIA FEMINISTA

Eu estava a caminho de uma das grandes conferências anuais sobre geografia em Chicago em 2004 quando li que a colunista antifeminista do *Globe & Mail*, Margaret Wenthe, também havia “descoberto” a geografia feminista.<sup>19</sup> como odiar os homens e conhecer as capitais de seu país são dois campos totalmente diferentes, quem poderia acreditar que a geografia feminista seria um assunto legítimo? Wenthe usou sua incredulidade para ilustrar a seus seguidores a afirmação regularmente reciclada de que as humanidades e as ciências sociais eram empreendimentos inúteis, cheios de disciplinas inventadas e de falsos acadêmicos.

O que não intencionalmente Wenthe não desejava entender é que a geografia acrescenta uma dimensão fascinante à análise feminista. Claro, você deve estar disposto a ir além de sua percepção de geografia do ensino médio: não se trata de colorir mapas ou memorizar continentes. A geografia trata da relação humana com nosso meio ambiente, tanto o construído pelo homem quanto o natural. Uma perspectiva geográfica de gênero oferece uma maneira de entender como o sexismo funciona na prática. O status de segunda classe das mulheres é imposto, não apenas por meio da noção metafórica de “esferas separa-

das”, mas por meio de uma geografia de exclusão real e material. O poder e os privilégios masculinos são mantidos ao manterem os movimentos das mulheres limitados e restringirem sua capacidade de acessar espaços diferentes. Como diz a geógrafa feminista Jane Darke em uma de minhas citações favoritas: “Qualquer assentamento é uma inscrição no espaço das relações sociais na sociedade que o construiu. Nossas cidades são patriarcados escritos na pedra, no tijolo, no vidro e no concreto”.<sup>20</sup>

Patriarcado escrito na pedra. Esta simples afirmação do fato de que os ambientes construídos refletem as sociedades que os constroem pode parecer óbvia. Em um mundo onde tudo, desde medicamentos a manequins de teste de colisão, coletes à prova de balas a balcões de cozinha, smartphones a temperaturas de escritório, são projetados, testados e definidos de acordo com os padrões determinados pelo corpo e pelas necessidades dos homens, isso não deveria ser uma surpresa.<sup>21</sup> O diretor de design urbano de Toronto, Lorna Day, descobriu recentemente que as diretrizes da cidade para os efeitos do vento pressupunham uma “pessoa padrão”, cuja altura, peso e área correspondiam a um homem adulto.<sup>22</sup> Você nunca pensaria que o preconceito de gênero influencia a altura e a posição dos arranha-céus ou o desenvolvimento de um túnel de vento, mas ele está aí.

O que, às vezes, parece ainda menos óbvio é o inverso: uma vez construídas, nossas cidades continuam a moldar e a influenciar as relações sociais, o poder, a desigualdade e assim por diante. Pedra, tijolo, vidro e concreto não têm defensores, têm? Eles não estão conscientemente tentando

defender o patriarcado, estão? Não, mas ajuda a definir a gama de possibilidades para indivíduos e grupos. Ajuda a manter algumas coisas que parecem normais e certas, e outras “fora do lugar” e erradas. Em suma, lugares físicos como as cidades são importantes quando queremos pensar sobre mudanças sociais.

O simbolismo de gênero do ambiente urbano construído é um lembrete de quem construiu a cidade. O artigo intitulado 1977 da arquiteta feminista Dolores Hayden, “Sedução do arranha-céu, estupro do arranha-céu”, implode o poder masculino e as fantasias procriativas personificadas pelo desenvolvimento de estruturas urbanas cada vez mais altas. Ecoando os habituais monumentos masculinos ao poderio militar, o arranha-céu é um monumento ao poder econômico corporativo masculino. Hayden argumenta que a torre de escritórios é mais um acréscimo “à procissão de monumentos fálicos da história – incluindo postes, obeliscos, pináculos, colunas e torres de vigia”, já que os arquitetos usavam a linguagem de base, poço e ponta e renderizavam edifícios que se projetavam para cima, ejaculando luz no céu noturno por meio de holofotes.<sup>23</sup> A fantasia fálica do arranha-céu, sugere Hayden, esconde a realidade da violência do capitalismo, manifestada nas mortes de operários da construção, falências e nos riscos de incêndio, terrorismo e colapso. Como diz a geógrafa feminista Liz Bondi, não se trata realmente do simbolismo do falo, mas, sim, de sua verticalidade um ícone de poder por meio do “caráter masculino do capital”.<sup>24</sup>

A linguagem da arquitetura baseia-se na ideia de que gênero é uma oposição binária, com diferentes formas e

características descritas como masculinas ou femininas. Bondi sugere que essa codificação do ambiente construído “interpreta a diferença de gênero como ‘natural’ e, assim, universaliza e legitima uma versão particular de diferenciação de gênero”.<sup>25</sup> Além das características arquitetônicas específicas, as normas de gênero são codificadas ainda mais por meio da separação dos espaços entre casa e trabalho, o público e o privado. A sub-representação contínua das mulheres nas profissões de arquitetura e de planejamento significa que as experiências das mulheres nesses lugares são provavelmente esquecidas ou baseadas em estereótipos desatualizados. No entanto, como nota Bondi, simplesmente “adicionar” mulheres à profissão ou considerar suas experiências é inadequado nas duas frentes. Uma vez que as experiências das mulheres são moldadas por uma sociedade patriarcal, suavizar as arestas dessa experiência por meio do design urbano não desafia o patriarcado em si. E, em segundo lugar, presumir a unidade entre as mulheres deixa de considerar outros marcadores importantes de diferença social.

Historicamente, a geografia feminista – como o feminismo acadêmico de forma mais ampla – preocupava-se em “adicionar mulheres” a uma disciplina dominada pelos homens. O título da intervenção clássica de Janice Monk e Susan Hanson, de 1982, fala alto sobre os preconceitos do campo: “Sobre não excluir metade do humano na geografia humana”.<sup>26</sup> Mas a abordagem aditiva para tratar da exclusão sempre careceu de um poder transformador.

Nas décadas de 1970 e 1980, feministas negras, como Angela Davis, Audre Lorde e as mulheres do Coletivo

Combahee River desafiaram o movimento feminino dominante a chegar a um acordo com as diferentes formas de opressão enfrentadas por mulheres fora da classe média heterossexual branca. O trabalho delas levou ao desenvolvimento do que hoje chamamos de teoria feminista interseccional, com base no termo cunhado pela estudiosa feminista negra Kimberlé Crenshaw em 1989 e posteriormente desenvolvido durante a década de 1990 por feministas negras, como Patricia Hill Collins.<sup>27</sup> A interseccionalidade levou a uma mudança radical na forma como o feminismo entendia as relações entre vários sistemas de privilégio e opressão, incluindo sexismo, racismo, classismo, homofobia e capacidade social.

As geógrafas feministas enfrentaram um terreno especialmente rochoso em uma disciplina mergulhada em uma história de exploração, imperialismo e descobrimento. Os tropos coloniais masculinos de exploradores intrépidos que mapeavam o “novo mundo” ainda se propagam pelo campo da geografia. Os geógrafos urbanos procuram o próximo bairro interessante a ser estudado e o grupo social a ser classificado, enquanto os planejadores aspiram atingir o ápice das decisões técnicas, racionais e objetivas sobre como se deve viver nas cidades. Estudiosas urbanas feministas pressionaram para que as mulheres fossem reconhecidas como sujeitos urbanos válidos e, de certa forma, distintas. Mas seus primeiros trabalhos careciam de uma análise interseccional de como as relações de gênero se estabeleciam com raça, classe, sexualidade e capacidade.

Refazendo a trajetória percorrida pelo feminismo acadêmico em diversas disciplinas, as geógrafas feministas

frequentemente recorreram às suas próprias experiências para explorar como o gênero se interligava com outras desigualdades sociais e o papel que o espaço desempenhava na estruturação de sistemas de opressão. O trabalho inicial de Gill Valentine, por exemplo, investigou o medo das mulheres da violência em espaços públicos, mas rapidamente evoluiu para examinar experiências lésbicas em espaços cotidianos, como nas ruas. Valentine enfrentou anos de assédio profissional por sua identidade lésbica, mas trabalhos como o dela abriram caminho para subáreas como geografias da sexualidade, geografias lésbicas e geografias gay e trans. Laura Pulido e Audrey Kobayashi basearam-se em suas experiências como mulheres negras na disciplina para chamar a atenção para a brancura da geografia e empurrar as feministas a examinar a brancura implícita por trás de seus tópicos de pesquisa e estruturas conceituais. Hoje, o trabalho de estudiosos como a geógrafa feminista negra Katherine McKittrick e a geógrafa feminista indígena Sarah Hunt continua a desafiar atitudes antinegras e coloniais persistentes que reaparecem em geografias urbanas feministas e críticas por meio de nossos discursos, métodos e escolha de espaços de pesquisa.<sup>28</sup>

Para mim, assumir uma posição feminista sobre as cidades é lutar contra um conjunto de relações de poder emaranhadas. Fazer “perguntas de mulheres” sobre a cidade significa perguntar sobre muito mais do que o gênero. Tenho que perguntar como meu desejo por segurança pode levar a um policiamento cada vez maior em comunidades negras. Tenho que perguntar como a minha necessidade de acesso ao carrinho pode funcionar em solidarie-

dade às necessidades das pessoas com deficiência e idosos. Tenho que perguntar como meu desejo de “reivindicar” o espaço urbano para as mulheres poderia perpetuar práticas coloniais e discursos que prejudicam os esforços dos povos indígenas para recuperar as terras tomadas e colonizadas. Fazer esse tipo de pergunta requer uma abordagem interseccional e algum nível de autorreflexão sobre a minha própria posição.

A partir do meu próprio corpo e das minhas próprias experiências significa partir de um espaço bastante privilegiado. Como mulher branca, cis e saudável, sei que, na maioria dos casos, tenho o tipo de corpo certo para me deslocar na cidade moderna pós-industrial, de lazer e de consumo. Falo inglês em um país dominado pelo inglês. Tenho cidadania formal em dois países. Minha condição de colono em terras indígenas raramente é questionada. Não sou cristã, mas ser judeu é comum no Canadá e não é visível para a maioria, embora o ressurgimento da retórica e da violência antissemita me faça digitar isso com um sentimento de cautela crescente. Em geral, como alguém que escreve sobre gentrificação para viver, estou ciente de que meu corpo é um marcador de “renovação” bem-sucedida, o que significa que um espaço é respeitável, seguro, de classe média e desejável.

Meu corpo também pode significar perigo ou exclusão para pessoas de cor, negros, pessoas trans, pessoas com deficiência, povos indígenas e outros para quem os espaços dominados pela branquidão e corpos normativos não são acolhedores. Minha presença pode sugerir que uma reclamação mesquinha ao gerente, ou um telefonema so-

bre um risco de vida à polícia está a uma curta distância. Meu conforto provavelmente será priorizado em relação à segurança deles por aqueles que estão ao meu redor e pela cidade em geral. Embora eu não possa mudar a maioria das características que me marcam dessa forma, posso estar ciente do que meu corpo significa e verificar o impulso de afirmar que posso e devo reivindicar todos os espaços urbanos para mim. Se minha presença levará a uma marginalização ainda maior de grupos que estão em permanente luta, então preciso considerar seriamente se minha presença ali é necessária.

Este privilégio corporificado não nega os medos e exclusões de gênero em minha vida. Em vez disso, os privilégios que tenho se cruzam e informam minhas experiências como mulher. Ao longo do livro, tento ser transparente sobre o que minha perspectiva parcial oferece e o que ela obscurece. Trabalhar com o compromisso de compreender que todo o conhecimento está localizado – ou seja, todo o conhecimento vem de algum lugar – exige que eu reconheça que mesmo onde sou (ou era) uma “insider”, por exemplo, em Toronto, minha cidade natal, minha perspectiva não é definitiva.<sup>29</sup> Para muitas outras cidades sobre as quais escrevo, sou uma estranha, o que significa que devo me precaver contra a reprodução de estereótipos desleixados, ou imagens problemáticas de comunidades urbanas às quais eu não pertencço. Também tenho que ser explícita sobre o fato de que minhas experiências urbanas e minha experiência geográfica estão enraizadas em cidades do Hemisfério Norte e grupos de pesquisa ocidentais. Embora eu tenha buscado exemplos relevantes e estudos

de caso em uma ampla gama de lugares, não sou capaz de fazer justiça às “questões femininas” oriundas do Hemisfério Sul ou de localidades asiáticas. Esse abismo é um problema persistente na geografia urbana feminista, que muitos identificaram como um desafio-chave para estudiosos do século XXI.<sup>30</sup>

Se leu minha biografia, deve ter notado, talvez com alguma perplexidade, que trabalho em uma pequena universidade no território de Mi'kma'ki, que é atualmente conhecido como leste do Canadá. Embora tenhamos cafés independentes, um bar moderno e até uma padaria sem glúten, Sackville, New Brunswick é uma cidade rural com cerca de cinco mil habitantes. Fica a cerca de quarenta quilômetros da cidade mais próxima, Moncton, cuja população caberia facilmente em um bairro de Londres. Não é exatamente um ponto turístico urbano. Os pombos que se amontoam no telhado do meu escritório são o elemento mais urbano para mim hoje. Eles atravessam o meu teto inclinado, arrulhando e brigando. A universidade está tentando se livrar deles, mas, obviamente, eu torço para que eles consigam se livrar dos seus algozes.

Moro aqui há dez anos. Quando me ofereceram um contrato de nove meses, quase o recusei depois que percebi como Sackville era minúscula. “Não posso morar lá”, pensei. “Vou recusar amanhã”. Era assim que a cidade se identificava comigo. Porém, depois de uma noite agitada percebi que, por mais que amasse Toronto, eu não deveria rejeitar um emprego em período integral. O contrato se estendeu para três anos e, finalmente, fui indicada e assumi o cargo. Dez anos. Tempo suficiente para que eu

não a considere mais como uma mudança temporária de Toronto. Mas continuo uma geógrafa urbana e uma amante da cidade.

Por onde começar? Comece com o material. A questão do corpo. Adrienne Rich lista as particularidades de seu corpo – cicatrizes, gravidez, artrite, pele branca, sem estupro, sem abortos – como um lembrete de como seu corpo a mantém fundada em seu próprio ponto de vista, o que lhe permite sobre o que falar e escrever. O que meu corpo me permite falar e escrever? Eu poderia começar com meu corpo antes grávido, suando e nauseado em um trem indo para o norte de Londres. Poderia começar com meus ombros cansados e doendo por ter que empurrar um carrinho de bebê pelas ruas de Toronto tomadas de neve. Poderia começar com meus pés, descalçando feliz os meus sapatos quentinhos, pisando na grama fria do High Park, onde eu me deito enquanto as pessoas ficam olhando. Este ponto de encontro de corpos e cidades está no centro de “fazer perguntas femininas” e pensar sobre a “cidade feminista”.

Em última análise, essas questões devem nos ajudar a imaginar e criar diferentes futuros urbanos. Desigualdade, violência e privação ainda assolam cidades em todo o mundo. Movimentos nacionalistas perigosos estão encontrando força em atos de terrorismo branco visando diversas comunidades urbanas. As mudanças climáticas estão trazendo sérios desafios às questões de onde e como vivemos. E os efeitos de todas essas questões estão muito interligados. Embora sejam necessárias mudanças em grande escala nos níveis individual e social, não precisamos inventar grandes visões universalizantes ou esque-

mas utópicos para começar a tornar as coisas diferentes e melhores. Já existem visões alternativas, tanto no design quanto na prática. De esquemas para tornar o transporte público mais seguro para mulheres a visões da abolição da polícia e das prisões, ativistas, acadêmicos e pessoas comuns há muito tempo sonham, teorizam e praticam diferentes maneiras de estar juntos nas cidades. Na verdade, todos nós temos a capacidade de fazer novos mundos urbanos – mundos urbanos feministas – mesmo que esses mundos durem apenas um instante, ou existam apenas em uma pequena área da cidade. Parte do desafio é reconhecer onde essas alternativas já estão em jogo e descobrir se elas podem ser ampliadas ou adaptadas a ambientes diferentes. Neste livro, compartilharei uma variedade desses tipos de projetos, tanto antigos quanto novos. Minha esperança é que possa aprender a ver essas alternativas in loco, ter as suas conversas sobre gênero, feminismo e vida na cidade e encontrar as suas formas de agir para fazer com que as cidades se tornem diferentes.

## CAPÍTULO 1

# CIDADE ■ DAS ■ MÃES ■

Se alguma vez já estive grávida, a “proximidade geográfica” se torna realmente estranha, de forma rápida. De repente, você se torna o ambiente do outro. E tudo em relação a como seu corpo se move pelo mundo e como é visto pelos outros está prestes a mudar.

Eu estava grávida de minha filha Maddy durante um inverno londrino tipicamente sombrio e o que me pareceu uma primavera e um verão excepcionalmente quentes. Eu tinha um emprego de meio período em Kentish Town. Meu trajeto a partir de Finchley Central era de apenas cinco paradas de metrô, mas, na maioria das vezes, parecia interminável. Quando eu trabalhava no período da manhã, meu enjoo me forçava a sair do vagão em Archway, onde eu me arrastava até conseguir sentar num banco até acalmar meu estômago antes de embarcar com todo o cuidado em outra composição. Antes que minha gravidez se tornasse visível, não havia modo de me oferecerem um lugar para sentar, não importa o quanto eu estivesse nauseada.